11º FEPEG FÓRUM ENSINO • PESQUISA EXTENSÃO • GESTÃO
UNIVERSIDADE, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS
ISSN: 1806-549X

A RESPONSABILIDADE POR OUTREM E O SENTIDO DO HUMANO NA CONTEMPORANEIDADE EM EMMANUEL LEVINAS. PROJETO DE INTERVENÇÃO EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO NA ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO PIMENTA – GLAUCILÂNDIA-MG

Autores: DANIEL COELHO DE OLIVEIRA, ALEX FABIANO CORREIA JARDIM

RESUMO

Em nosso cotidiano enfrentamos diversas questões e dilemas que indicam os desafios da educação em nosso período. Para melhor conciliar o contexto educacional e seus desafios, faz-se referência neste texto à filosofia que ao longo de seu histórico tem nos mostrado como sobreviver em períodos de instauração do caos. O caos desde o início da história da filosofia foi visto como um momento de instabilidade, e segundo o dicionário de filosofia de JAPIASSÚ, H. O conceito nos aparece como um "vazio causado pela separação entre a terra e o céu". Seria muito arriscado traduzir este vazio como um momento de crise diante de um estado ou situação, mas nos remete à compreensão de que vivemos exatamente este momento de crise e profundo vazio em nosso período.

O grande desafio presente em Emmanuel Levinas está contido naquilo que o filósofo chama de apelo ao rosto do próximo que contém em si uma urgência ética. Assim, a presença do outro para Levinas é e sempre será um desafio diante da convivência. O outro presente no pensamento levinasiano pode ser entendido a partir de um conceito metafísico. Isto é, que não está contido na figura do rosto em si, mas o outro em sua alteridade a partir da metáfora do próprio rosto. Por isso, é possível identificar em Levinas que há entre o "eu" e o outro uma relação de exterioridade, o que não possibilita entender o outro apenas através de conceitos e categorias existentes; por mais que eu saiba de suas qualidades, origem ou cultura. O outro na metáfora do rosto é o convite ao desvelamento de suas características, sua vida, sua história.

A face do outro estará sempre contida por um estranhamento, será sempre algo metafísico. A relação face a face desconstrói todo saber ou conhecimento exterior. No entanto, esta relação torna-se inevitável diante das relações que estão presentes a todo instante. Assim, o que Levinas apresenta como desvelamento é importante, porque nos traz o verdadeiro sentido do ser contido em si próprio. O "face a face" tornou-se um dilema entre os relacionamentos que estão cada vez mais vazios e contaminados pelo sistema que nos envolve. Perdemos a sensibilidade em olhar nos olhos e enfrentar os desafios apresentados pelas pessoas com as quais convivemos.

ISSN: 1806-549X

A proposta do aceitar o rosto de outro está contida na necessidade de fazer dele enquanto ser partícipe na minha vida e na minha história, trazer o outro para perto de mim, para minha experiência do desvelamento. Esta proposta nos faz entender em Levinas a transformação de valores que a sociedade vem sofrendo ao longo dos últimos tempos. Esta mudança impulsiona cada vez mais as pessoas para um fechamento em si mesmas. Isto é, outro deixa de ocupar um espaço que antes lhe pertencia, a proximidade e o contato e a troca de experiências vividas.

Assim, o encontro chamado por Levinas de “face a face” é, contudo, uma decisão de cada indivíduo. A relação com o outro, parte do pressuposto que há uma necessidade de aprender a conviver com as diferenças, porque elas completam o ser de cada um. Portanto, é preciso que haja uma possível aceitação do outro, enquanto cuidado reservado ao ser do outro, acolhê-lo a partir de como se apresenta indiferentemente de raça, cor, cultura ou religião. É preciso que a educação seja responsável por uma formação para a responsabilidade e mais que urgente; promova o descentramento do “eu”, retornar à humanidade do humano é estarmos preparados para o acolhimento, é fazer sem um interesse pessoal ou obtenção de benefícios. É o que Levinas vai dizer do fazer algo desinteressado.

A ética levinasiana ao propor o iniciar do movimento em direção ao outro, não comporta em pensar o outro como objeto, mas de forma desinteressada. Torna-se uma satisfação, mas de encontrar no outro a face de si mesmo. É o desvelar o ser contido na face do outro. O sentido que está para além do rosto que se apresenta. É encontrar no outro uma significância para o meu modo de vida, é o que podemos dizer de uma educação voltada para o acontecimento ético.

Na verdade, o encontro com o outro se apresenta sempre como um desafio. Exatamente pela imprevisibilidade contida em cada encontro. É uma novidade que pode e deve estar contida a todo instante, a cada novo encontro com outrem. Assim, podemos atribuir ao educador a singela tarefa em despertar no educando um redescobrimento para o valor da escuta.

O rosto não se revela por suas dimensões sensíveis, mas através do que está para além do rosto, da sua integridade. Assim, o verdadeiro valor ou sentido contido nele, permanece metafisicamente desconhecido. Portanto, o rosto indica para uma significação em que não existe um contexto específico, ambiente e local. Independe do momento, o acontecimento e o encontro farão com que haja uma urgência do acolhimento, é como um simples bom dia que recebemos que automaticamente nos exige uma resposta que somente nós que recebemos podemos dar tal resposta.

O encontro com o outro necessariamente pressupõe um despojamento de todos os preconceitos. Portanto, um desarmamento de toda intenção do eu em relação ao outro para que não haja nenhum tipo de resistência quanto ao desvelamento do rosto de outrem. Salvo para outrem, nossa relação com ele consiste certamente em querer compreendê-lo, mas esta relação excede a compreensão. Não só porque o conhecimento de outrem exige, além da curiosidade, também simpatia ou amor, maneiras de ser distintas da contemplação impassível; mas também porque, na nossa relação com outrem, este não nos afeta a partir de um conceito. Ele é ente e conta como tal.

ISSN: 1806-549X

Diante da nudez do rosto, todas as máscaras são retiradas. Isto, porque no rosto do outro, é que toda a humanidade se torna presente. Juntamente com sua humanidade, são desveladas, suas angústias, suas dificuldades, seus apelos e seus problemas. Compreender uma pessoa é dar característica à sua existência, deixa-la ser, é, portanto, já ter aceito sua existência, tê-la tomado em consideração.

Por isso que Levinas indica para o sentido da ética, no tratamento de igual sentido do rosto. Todo indivíduo por detrás do sentido metafísico do rosto, apresenta os mesmos intuitos, as mesmas angústias ainda que com características inclinadas pela sua vida particular ou cultural. Assim, diante da ética e da justiça levinasiana, nos tornamos responsáveis uns pelos outros, o apelo nos aprisiona e exige uma resposta. A questão que aqui levantamos é se estamos realmente preparados para assumir o outro como um ser que nos completa, quando na verdade assim o enfrentamos como um fardo diante dos nossos objetivos.

Levinas afirma que “eu” não posso permanecer insensível e alheio diante do desvelamento do rosto do outro. A ética do filósofo indica para o acolhimento do outro, é preciso abrir as portas e estender-lhe as mãos. Portanto, dar-lhe um abrigo. Este é o primeiro apelo presente na condição humana. Por isso, abrigar o outro em minha morada particular como pressuposto de uma educação voltada para os valores humanos e a solidariedade tornaram-se desafiadores para as instituições. Voltamos ao que poderíamos chamar de lei da sobrevivência.

Assim, responsabilidade pelo outro não implica diretamente que o fato do sofrimento dele esteja relacionado à minha culpa. Mas diz respeito à minha responsabilidade a partir da abordagem que é feita do rosto do outro. O entendimento a partir da análise do rosto, faz de cada indivíduo corresponsável pelo apelo que o outro lhe faz.

O rosto torna-se responsável por uma exigência, que por sinal é uma exigência ética. Na verdade, como já afirmamos, ao desvelar o rosto, vê-se o apelo do outro, seja qual for sua exigência, eu serei o único responsável pela resposta daquilo que me é dirigido diante do rosto. A responsabilidade que envolve uma implicação ética, não permite que o outro responda por mim. Portanto, a consciência indica para uma resposta singular. Tal resposta não pode ser substituída por outro. É o que faz entender que cada um é logicamente forçado a voltar-se para o outro.

É evidente que, como serei responsável pelo outro, a minha consciência ética volta-se para a humanidade dele. Não posso recusar o encargo de tal responsabilidade. Diante da necessidade e urgência que me apresenta, cabe o dever de responder a sua necessidade. Independente da resposta, não há como transferir tal responsabilidade.

Ao tratar de questões sobre a ética do rosto, Lévinas traz o sentido da mesma para o respeito à vida. A partir do momento que as relações passam a ser estabelecidas com base nos interesses pessoais. Entendemos que a ética perde o sentido e o respeito pela vida do outro. Assim, entendemos que a relação ética do ser para o outro torna-se uma exigência inicial em Lévinas. O papel da ética está fundamentado exatamente em dar respostas aos problemas da humanidade. É o comprometimento, a aceitação do outro. É fazer algo por ele!

ISSN: 1806-549X

O pensamento de Levinas exerce grande influência na Filosofia contemporânea, exatamente por se tratar de um conceito fundamental e estritamente novo nos campos da ética. Assim, a ética levinasiana não está presa no “Eu, Tu”, mas vai além destes conceitos. O outro é a resposta ética, o outro é o “terceiro” que segundo o filósofo, encontra-se fora do contexto “Eu, Tu”. O outro é o desinteressado da relação, é aquele que precisa ser visto e acolhido em sua integridade.

Este outro é a significância ética. É, portanto, o estrangeiro, o órfão, o marginalizado. Aquele que está fora do nosso ciclo de relacionamento. É o outro para Levinas também a figura do humano, com as mesmas angústias e sofrimentos. É nesta perspectiva que o rosto torna-se a revelação dos anseios de cada pessoa, o desvelar é tão importante quanto o acolher. Faz-se necessário colocar-se no lugar do outro. É o que Levinas aponta como alteridade, sentir o que o outro sente.